

Carta Depoimento
**OS MARTÍRIOS DE ROSA
DE MILÃO**

49



Cat. 618 (v. anterior)

Proença

José Bernardo da Silva

Os martirios de ROSA DE MILÃO

Nam allerrabio francês
foi esta lenda encontrada
o caso foi doloroso
a cena foi complicada
de falso duma madrastra
e o sofrer cuma entida

Numa cidade da Italia
denominada Milão
residia um alliaite
chamado Paulo Bairão
casado segunda vez
com uma fera dragão

Alvina era seu nome
mulher perversa e malvada
nunca concebeu um filho
enquanto viveu casada
mas casou com esse velho
encontrou uma entida

Chamava-se ela Rosa
uma moça sem maldade
tinha um irmão Americo
com vinte anos de idade
viviam esses dois man's
na mais perfeita amizade

Alvina a madrastra deles
era igualmente um dragão
falsa, cruel, assassina
colerico como um leão
fingida como o serpente
um ente sem coração

Que por sua causa Rosa
antoa nos braços da morte
teve prisão, sofreu muito
casou mais não teve sorte
foi degradada as montanhas
onde sua dor foi forte

Rosa como eu já disse
vivia com seu irmão
num paraíso de amores
num berço de união
honestos como dois anjos
num gremio de perfeição

Alvina a cruel madrastra
cheia de tanto rancor
por ver tão fina amizade
la aumentando o calor
dizia sempre eu acabo
com esta força de amor

Um dia formou um quengo
foi a uma redenção
a anunciou que a entalada
estava grávida do irmão
no outro dia bem cedo
o jornal fez transmissão

O velho marido dela
que assinava jornal
caiu de arrejo na historia
anunciava afinal
veado que lhe complicava
logo imperou contra o mal

Alvina vendo o perigo
e que seria atacada
disse a Paul Bairão
a tua filha estimada
está grávida do irmão
eu provo não estou errada

Alvina, lhe disse o velho
eu juro não ser verdade
pois vejo minha filhinha
tão cheia de castidade
zelando sua innocencia
sem luxo e sem vaidade

Zombar irmão com irmã
isto é proprio da infancia
não só ela como todos
que amam irmão com ancia
provém a mesma amizade
isento de traficancia

Pois é, respondeu Alvina
eu serei a mentirosa
tem que a coisa correr risco
e eu serei rancorosa
mais tarde você verá
eu sair vitoriosa

Dali saiu como um cão
que desconfia do dono
pensando no que fazia
a noite não teve sono
dizia: eu faço a desgraça
em troca do abandono

Com quatro dias depois
da cena já decorrida
na refeição do jantar
ele botou na comida
uma porção de veneno
depois botou na bebida

Estando a mesa já posta
sentou-se ali o marido
só não sentou-se o rapaz
por ter a pouca saído
quando voltou já achou
o lastimoso ocorrido

Alvina também ali
como doente prostrada
fazendo os maiores terrores
mostrando-se envenenada
o velho já falado
a moça desfigurada

O rapaz estupefacto
bradou naquele clamor
vendo a irmã na última
morte o seu progenitor
saiu dali como um doído
chamar sem pressa o doutor

O doutor chegou e viu
o mal que reinava ali
disse ao rapaz: é veneno
toda descordem daqui
e esta mulher fingida
nada de mais tem em si

Aí deu remédio a moça
e baixo disse ao rapaz
—havemos de ser energias
nas tragédias desta vida
hoje não está de noite
amanhã tudo se faz

Ela que estava escutando
a coxixada conversa
disse: já estou desgraçada
minh'alma já submerseu
vou me evadir pelo mundo
a cousa sai vice-versa

O doutor chegou em casa
do mesmo mal ficou
porque antes de sair
um gole d'agua bebeu
estavam tocadas as aguas
não teve jeito morreu

Ficou a cousa em caminho
porque quem deslinharia?
era somente o doutor
e outro mais não sabia
quando procuraram Alvina
já noutras terras vivia

A justiça fez esforço
nesta negra confusão
não podendo desliçadrar
foi o rapaz para a prisão
a irmã como criada
o juiz passa a mão

Ficou Rosa nessa casa
condenada ao sofrimento
trabalhando dia e noite
por um mirrado sustento
sem liberdade sem paz
num carcere sanguinolento.

Na casa era incumbida
de todo cargo exercer
servir de ama e criada
border: cortar e coser
ser o que fosse preciso
naquela casa fazer

Pilheriada e mal vista
repreendida coltada
tripilha cuja odiante
sujeta, presa odiada
chorosa, magra e sentida
sem confiança sem nada

A mulher sua patrão
era uma velha nefasta
pior do que uma fera
era de maldita casta
talvez mais carraaca que
Alvina sua mairasta

O juiz era um um abutre
homem de raça assassina
vivia com dois diabos
a pobre jovem sem sina
se via em apertos que
mil vezes queria Alvina

Já decorriam dois anos
que neste sofrer vivia
pelos tormentos e maguas
a Deus chorando pedia
que lhe melhorasse a corte
olhasse qu'ela sofria

A pouco era chegado
em Milão um mercador
rapaz de vinte e seis anos
um importante senhor
amigo do indigente
um ente admirador

Chamava-se o dito moço
Renato de Aragão
com duas semanas soube
que mesmo ali em Milão
sofria uma innocente
sem pai, sem mãe' sem patrão

Alvorçado partiu
em socorro da donzela
chegando sem muito custo
poude conversar com ela
porem todo equivoçado
tanto achou a moça bela

Lastimou a sua sorte
por vê-la tão maltratada
chorou e escluçou muito
por vê-la assim despresada.
sem um pequeno socorro
dizia ele: ocitada!

Te arruma, disse Renato
a caridade eu te faço
te levo para Veneza
sem o menor embaraço
caso contigo e depois
corto-te a sorte de aço

Seu hor rapaz, disse ela
as smas ordens me vejo
me tire de tal tormento
pois è só o que desejo
só não prometo casar
pois sou l ser sem lampejo

Não te afflijas donzela
que a sorte não te consome
a alma do justo é farta
não passa sede nem fome
como te chamam donzela?
diz-me teu honrado nome?

Rosa das Neves Bandeira
é este o meu nome pronto
tive escola doze annos
leio bem, escrevo e conto
desenho, hordo e costuro
conheço bem qualquer ponte

Me chamo Renato Dias
Telemaco de Aragão
sou mercader tenho patria
em Veneza è meu torrão
sou solteiro, amo a pobreza
tenho pai ele è barão

All o sol declinou
oom pouco fez seu caso
Renato vento o crepusculo
da noite fechar seu vaso
disse: te arruma donzela
e vamos fugir do caso

Então de tudo baixou
o sol no alem dos mares
a noite fechou de trevas
morreu o clarão dos ares
partiram e depois tomaram
um barco de dois andares

Chegaram então em Veneza
naquelle puro ambiente
Rosa se deu bem no clima
daquelle torrão exelente
foi abraçada por todos
do abastado ao indigente

Portanto Rosa ficou
entre o prazer e a riqueza
contente, casta e querida
muita hygiene e limpeza
e ela que era bela
adquiriu mais baleza

Com quinze dias casou
para seu lar retirou-se
ficou vizinha o seu sogro
de vida forficou-se
não mais pensou que ainda
do mal perseguida fosse

Tratamos agora um pouco
da velha lá de Milão
quando a Rosa procurou
que não teve solução
as blasfêmias que ergueu
no íntimo do coração

Aonde estiveres mostra
eu saberei te buscar
se no inferno estiveres
eu faço jeito de entrar
se estiveres no céu
nem Deus me pôde empatar

Não há doutor não há lei
não há poder não há fim
que te defenda dateres
um futuro tão ruim
não há Deus não há diabo
que te guarde contra mim

Com bem um mas retumbou
a notícia com fraquesa
que Rosa tinha casado
e que morava em Venesa
e foi que a traidora
mais gradou com a pessoa

Passou-se, passou-se tempo
então chegou de Bretanha
uma carta pra Renato
de uma fortuna estranha
herança de um tio seu
era um cabedal sem manha

Renato se preparou
pra seguir no outro dia
fez ciente a Rosa que
só com um mês chegaria
mas coitada já com medo
dum ataque de agonia

Fez então sua viagem
num saudoso «Deus o leve»
lá de Milão a patrão
soube da notícia breve
disse: arre que agora
Rosa pago o que me deve

Agelhou 18 homens
e seguiu com brevidade
logo a casa de Rosa
era fora da cidade
distante uns dois kilometros
numa rica e vasta herdade

Chegou bem tarde da noite
falou, Rosa abriu a porta
dizendo: ó meu caro esposo
de tudo ali se conforta
mas quando viu a patrão
ficou pelo susto morto

Ali a velha gritou
e os algozes investiram
mataram uma orfança
e uma velha que viram
quando ela quiz gritar
foi tarde a vez lhe impediram

Ali disse os 2 algozes
conduza esta infeliz
para as montanhas dos Alpes
no meio dos javalis
desterrem-na para sempre
que lá estará feliz

Ali pegou um papel
e fez um escrito a lapis
«senhor Renato Aragão
a dita negou-te os nupcias
tua mulher hoje mora
nas cordilheiras dos Alpes

Me assino Caunta Mendes
Machado da Conceição
vim ver a tua infeliz
vingar-me duma traição
sou a mulher do juiz
aquele lá de Milão

Ali apertando a carta
fez revisão rubricou-a
na mão da orfãda morta
cnicamente deixou-a
dizendo velha criada
não faça serviço a tã

Então seguiram os algozes
com Rosa para o degredo
em caminho um disse: vamos
matá-la em um penêdo
pois esta mulher é nossa
vamos matá-la sem medo

Com cinco dias chegaram
ao topo da cordilheira
nas abas de uma colina
encontraram uma pedreira
tão alta como uma torre
embaixo uma cachoeira

Então arrastaram Rosa
para o acervo lugar
dizendo-lhe: Rosa agora
daqui tú há de saltar
Rosa chorando pediu-lhes
que a deixassem rezar

Podes rezar lhes disseram,
e Rosa então deu início
Jesus Redentor do mundo
autor do grande edificio
fazei-me livre Senhor
de tão cruel precipício

Redentor olha que sou
uma infeliz criatura
me livre ao menos hoje
desta desordem tão dura
o que sou eu, Redentor
caindo de tal altura?

Só vós Senhor poderás
 livrar-me desta atlição
 fazei Sr. qu'estes monstros
 tenham melhor coração
 matai-me de outra morte
 mas espedaçada não

Mãe pranto senhor bem vós
 que tem sido mais pesado
 sofri de minha madrasta
 um golpe martirizado
 agora por esta velha
 olhai Senhor meu estado

Então disseram os algezes
 a sua reza foi vã
 portanto venha saltar
 ali com toda a fé
 lhe deram ambos nas cruzes
 porém caiu firme e sã

Equivocados ficaram
 ao verem Rosa firmada
 em baixo da catacumba
 sem ferimento e sem nada
 disseram vamos descer
 e matá-la a gume de espada

Chegando lá um ergueu-lhe
 o braço com uma espada
 para exterminar-lhe a vida
 com uma só cutilada
 porém o braço ficou
 suspenso não desceu nada

O outro vendo o fenomeno
 não atendeu a razão
 ergueu o braço dizendo
 perdeste Rosa a acção
 quando deus te desmaiou
 a espada caiu no chão

Então ficaram pasmados
 na isto quasi uma hora
 dizendo: em que artigo
 pôs ismos cair agora
 pela esta mulher a Deus
 pertence vamos embora

Partiram os dois sacripantas
 com esta cena em sentido
 ficou Rosa sobre a gruta
 pensando no sucedido
 olhava a grande cascata
 de onde tinha caído

Louvando a Deus pela graça
 num grande pranto banhada
 sem saber o que fizesse
 naquela gruta isolada
 grávida de uma criança
 a quatro meses gerada

Na gruta onde ficou ela
 só se ouvia zuzar
 o vento naquelas abas
 com um algem passaro cantar
 e os silvaes das cobras
 uma talburdia entoar

Então disse: já que vim
neste erro padecer
è melhor que daqui saia
procurar o que comer
até que me chegue o dia
de neste bosque morrer

Saiu a vagar nas serras
como um bicho que pasta
sem rumo sem direção
ficou na montanha vasta
onde vivia a seis anos
a sua falea madrastra

Vamos falar dela agora
quando de Milão fugiu
sem rumo ganhou o mundo
nunca mais ninguém a viu
livrou-se das mãos dos homens
porem nos Alpes caiu

Fez-se natural dos bosques
comendo folhas e frutas
reg. zilhando da vida
exposta a maiores lutas
morando com as serpentes
nas espeluncas das grutas

Num agregado de pedras
Alvina fez seu pouso
numa caverna medonha
formada a beira dum rio
sombriado por um cedro
velho possante e sadio

Com um ano ali mesmo
ela pegou uma anta
com uns dois meses de idade
criou-a com estima tanta
que com Alvina dormia
numa união quase santa

Passava o dia pastando
sossinha pela campina
Alvina denominou-a
só lhe chamando menina
se acaso pastasse longe
mas só dormia com Alvina

Um dia muito invernos
Alvina tentou passar
o rio que estava chelo
sem no perigo pensar
desaprumou-se nas aguas
e mui alem foi ficar

Tão longe que não voltou
mas a pedra onde morava
foi viver noutra caverna
melhor que a que estava
ausente de sua anta
um ente a quem tanto amava

Ficou a anta sossinha
nos bosques a procurando
tomando rastros e sombras
sua falta lamentando
como a orfanotinha orfã
que por mãe vive chorando

Voltamos agora a Rosa
a martirizada escrava
de Alvina já o leitor
viu o que precisava
que da corôa da obra
era só o que faltava

Rosa naquele degrado
ficou de tudo privada
vagando sobre a montanha
sem esperança de nada
fazendo Alvina tão longe
e eis tão aproximada

Ficou por ali vagando
cheia de tanta marzela
chorando tantos tormentos
que se aproximava dela
vivia sempre em pedidos
e assim exclamava ela

Jesus Redentor do mundo
olhai minha triste morte
que faço em Salvador
sem guia sem luz, sem corte
nestes desertos madonh's
nos braços negros da morte

O' Deus ouvi meu lamento
que me sepulta a alegria
claras meu farol de rumo
que necessito de guia
sem vós a frente Senhor
me pereço na travessia

Nas minhas dores Senhor
espero a vossa ternura
não me fizeti tão herdeira
dos cofres da desventura
olhai que sou uma enferma
que com ancia pede cura

Já tive pai, já morreu
já tive mãe já perdi
já me casei estou só
já no desprezo caí
perante os olhos do mundo
nada sou mais já morri

Sai das chamas do fogo
caí na boca da fragua
salvei-me da tempestade
joguei-me num valeço d'agua
fivrei-me da favorita
sou hoje filha da magua

Perdi pai, perdi marido
sofri muito fui criada
tenho vida sou defunta
bebi fel fui difamada
tenho patria e vivo aqui
oh! meu Deus sou desgraçada

Sou como a vil borboleta
que vive sem ter nascida
alma no corpo não tenho
minha existencia é fingida
sou como 1 tronco qualquer
que dar sombra sem ter vida

No inferno estive presa
uma nje me libertou
levou-me para seu reino
depois sexigto caheu
botou-me num paraizo
hoje onde é que estou

Que vida cheio de dores
que sorte mal revelada
que dias cheios de pranto
que alma mal recompensada
que ente desmerecido
sou eu aqui desterrada

Adeus meus dias felizes
de minha innocencia amada
adeus meu soio paterno
monde fui batizada
adeus meu sobre marido
vou aqui ser sepultada

Adeus meu caro irmãozinho
herdeiro dos meus ais
adeus meu sogro aceltem
os meus suspiros finais
adeus meu velho outra vez
adeus até nunca mais

Alli de frente avistou
uma campina muito vasta
se dirigiu para ella
muito abatida e arrastada
se encontrou com a anta
da sua falsa madresta

Estando sobre uma arvore
que na campina grimpava
lá vinha aquele animal
que lentamente marchava
cheirando rastro por rastro
que na batida encontrava

Ao ver Rosa alegrou-se
por divuigar a figura
Rosa alarmada gritou
com voz estridente e dura
pensando que fosse fera
temia a sua bravura

Porem a anta não fez
a minima separação
aproximou-se de Rosa
com muito mais atenção
como querendo dizer-lhe
—venho fazer-te união

Rosa então bradou dizendo
vinde meu santo animal
sliviar minha dor
e consolar-me do mal
que eu sou u'a pobre esposa
perdida do meu casal

Alli a anta deltou-se
Rosa sentou-se tambem
chorando por cima della
agradecendo-lhe o bem
e relembando a má sorte
tão cheia de vai-e-vem.

Tantos apertos na vida
que por ele já passei
tantos que ainda vem-me
por um decreto da lei
sem patris, sem lar sem nada
do meu esposo não sei

Já tive prazer na vida
já sorri já gracejei
já fui criança mimosa
já fui noiva, já casei
mas hoje me vejo só
do meu esposo não sei

Tão satisfeita e tranquila
como casada passei
não esperava chegar
ao ponto que cheguei
sem um pequeno carinho
do meu esposo não sei

Tão rica que fui outrora
e em nada me tornei
tantos arrimos que fiz
quando em casa me achei
hoje nem para mim tenho
do meu esposo não sei

Me livrei da favorita
mas do mal não me livrei
busquei a casa dos bichos
e sem a miaba fiquei
hoje sem ter quem me chora
do meu esposo não sei

Nestes montes solitarios
pra comer ervas achei
só o relento da noite
como cobertor ganhei
fazendo das pedras leiteo
do meu esposo não sei

Me lembro daquele dia
bemdito que me casei
daquela alegria quando
do padecer me livreii
hoje só tenho a lembrança
do meu esposo não sei

Já fui Rosa mais dum ano
men criterio não manchei
hoje na forma que estou
se perguntarem a meu rei
Renato conhece's esta?
ele responde não sei

All olhou para a anta
dizendo: anta estás vendo
estes dois jorres de lagrimas
pelo meu resto descendo?
são dores de minha alma
qua ha anos vivo e frondo

All a anta ramou
atravessando a campina
Rosa seguiu-a chorando
os pratos de sua sina
foram ter não na caverna
aonde morou Alvinna

Chegando Rosa a caverna
viu logo rastro de gente
disse: meu Deus será outra
que a mesma marzela sente?
de indio não é que e rastro
eu acho muito diferente

Então percorreu a lapa
mas tudo de velho e frio
pois a 3 menses que Alvina
tinha descido no rio
a anta fez-lhe entender
que era ai seu pouso

Disse Rosa: minha anta
aqui eu fico morando
atè quando o criador
mandar-me o segundo mando
vamos viver nesta lapa
tu sorrindo e eu chorando

Com cinco menses depois
chegou-lhe o tremendo dia
de dar luz a criança
que concebido trazia
lembrança de seu esposo
fruto de amor e valia

Numa affição dolorosa
e numa dor quasi eterna
vivia a pobre innocente
sofrendo com calma terna
só tendo por guia a anta
e por abrigo a caverna

Naquele canto profundo
só um alivio encontrava
no grande dia do parto
dia e noite pensava
sem protecção de niuguem
por esta forma exclamava

Redentor pai dos filtos
valei-me nesta affição
olha senhor que preciso
da vossa consolação
fazel-me feliz senhor
na minha partorição

Olhai Senhor pra quem pede
nesta quadra amargurada
pede com muita razão
vossa protecção sagrada
quanto mais uma eu que
vivo aqui abandonada

Senhor dirá no treno
para que Rosa se causa?
pois ela já sabe que
escrêgo mais não alcança
men Senhor a vida é doce
enquanto há vida ha esperança

Senhor fugi do incendio
e na colvara queimei-me
abandonei minha cama
e nos espinhos deitei-me
arrimo Senhor vos peço
valei-me Senhor valei-me?

Nasceu afinal o fruto
herança do matrimonio
ao qual Rosa lhe deu
o digno nome de Antonio
fidalgo pelo pregenio
e pelo berço camponio

Reinou em Rosa um prazer
que desmaiou sobre o leito
sizando: pobre filhinho
vieste sofrer sem jeito
pensavas que tua mãe
morasse num céu perfeito

Olha meu pobre innocente
tua mãe não tem marido
tua mãe casou porem
vive como um cão perdido
mora nesta corellheira
onde só nasce nascido

Tua mãe coitada dela
vive sem lar e sem ninho
nas trevas de dia a noite
sem direcção sem camiuho
ela tão desconhecada
e tu tão consoladiho

E tua vinda meu filho
foi para mim uma esmola
bãa flor vindro do céu
desabrochando a carola
em vez d'eu te consolar
já tu és quem me consola

Vamos viver nesta casa
até quando Deus for servido
choramos o nosso pranto
aqui meu filho querido
tu deserdado de pai
e eu tambem sem marido

Já decorria trez anos
que Rosa ali habitava
numa noite ela senbou
qu' seu pai a si chegava
e dizia: Rosa olha
e um homem lhe mostrava

Ela via um homem triste
desanimado chorando
num convento esverdeado
uma garça procurando
com pouco já via o homem
sorrindo alegre cantando

Ali via uma aguia
que sem consolo chorava
com pouco chegava a garça
e como ela conversava
depois a garça sata
e com a aguia se abraçava

Ali o homem chegava
com uma bolsa na mão
tomava garça e a aguia
com grande satisfação
uma lebre e uma flor
e tomava a direcção

Dai a pouco já estava
o homem numa cidade
libertando um passarinho
que pedía liberdade
trancado numa gaiola
de ferro e pedra a metade

Então saia com tudo
cantando hino de amor
chegando noutra cidade
de importante valor
fazia grande festim
e dava batismo a uma flor

Aí Rosa despertou
agitada, fraca e fria
dizendo: meu bom Jesus
dá-me boa oulerocia
para eu decifrar hoje
este sonho ou fantasia

Pode até ser que o homem
seja meu esposo amado
e a garça seja eu
que me acho neste estado
e a flôr seja meu filho
meu amor idolatrado

E o lebre talvez seja
esta anta que me abraça
e a aguia seja Alvína
que ferjou minha desgraça
e a cidade bem pode
ser Veneza a linda praça

E o verde convento pode
ser este degredo agudo
o passarinho é meu mano
que sofre num carcere mudo
o batisado è a festa
é quando se juntar tudo

Alli disse: meu filhinho
vamos deixar esta lapa
que a vida é um tesouro
e a sorte é 1 grande mapa
e ente que Deus ajada
até numa folha escapa

Saíu a orla do rio
a anta a frente tomou
com 10 leguas mais ou menos
um grande monte avistou
era tão longe que a vista
para alcançá-lo faltou

Alli dormiu numa nava
quando a manhã raiou
ternou a rumar o monte
ao melo dia chegou
mesmo em cima do monte
rastros da gente encontrou

Quando olhou de surpresa
a sua frente lá ia
uma mulher despejada
que quasi não cobria
só uma t'nga de embria
era o traje que vestia

Porem Rosa conhecendo
bradou Alvina Bairão
que andas fazendo aqui
nesta triste solidão?
ela parou de repente
e Rosa chegou-se então

Alvina bradou quem és
minha digna camarada?
respondeu ela sou Rosa
aquela tua entitada
Alvina deu-lhe uma síncope
caiu de dor transpassada

Com duas horas eu mais
Alvina convaleceu
exergou Rosa e a anta
outra vertigem lhe deu
Rosa chegou-lhe nas ventas
uns ramos ela entendeu

Os perdões foram os maiores
entre todos deste mundo
os suspiros eram tantos
que talvez em um segundo
não desses só cem suspiros
tal foi o clamor profundo

Então diz Alvina a Rosa
eu moro ali mais adiante
vamos agora viver
numa união importante
Rosa aceitou e ficou
atè unir-se ao amante

Vamos falar dele agora
quando chegou de viagem
que só achou a desgraça
e da fortuna a passagem
a sua esposa nos bosques
oh! hora da desvantagem

A sua criadã morta
inda com a carta na mão
o seu filho innocente
ali sem vida no chão
e a esposa nos bosques
morrendo sem remissão

Botou as mãos na cabeça
e gritou contrariado
meu Deus perdi minha esposa
meu Jesus estou desgraçado
meu Redentor dá-me 1 jeito
que eu seja disto vingado

Dali seguiu ao palácio
conversar com o soberano
que ia ver a esposa
o rei cedeu o seu plano
dizendo, quando vultares
dás fim a quem te fez dano

Os seus pais ali padindo
num enternecido pranto
Renato disse: meus pais
não precisa chorar tanto
vão ser os bosques meu leito
e a noite ha de ser meu manto

Deli regressou a casa
chegando se preveniu
pegou uma grande maca
de muita roupa sortiu
tomando a benção aos pais
botou-a as costas e partiu

Com sete dias e meio
alesçou a cordilheira
em um pinheiro abrigou-se
a lado duma clareira
já bem visinho dos passos
de sua fiel companheira

Ali ficou residindo
quatro anos sem sair
vivendo de caça e frutas
esperando o porvir
passava os dias nos bosques
na arvore vinha dormir

Depois resolveu sair
daquele inculto lugar
porque ali nunca pôde
a sua esposa encontrar
desenganando saiu
pegou nos bosques a vagar ;

Não abrigou-se em mais canto
ficou girando sem sorte
onde findava o dia
dormia no «Leito Forte»
atè que com cinco anos
uniu-se a sua consorte

Um dia quando passava
a sombra duma palmeira
lá iam duas mulheres
em ramo dumas pedreiras
ali o viram de subito
fizeram logo carreira

Ele chamou-as mas nada
adiante viu-as entrar
num agregado de pedras
e um menino a chorar
chegou então a pedreira
e começou a chamar

Ouvia uma voz dizer
meu bom senhor não podemos
sair a vossa presença
porque despidas vivemos
só o negror desta furna
é o vestuario que temos

Não se apoquem senhoras
disse tranquilo Renato
eu tenho roupas aqui
que rime este maltrato
pois minha esposa procuro
ando no mundo de fato

Quando Rosa ouviu a voz
do esposo zear em cheio
disse: Alvina é Renato
que hoje buscar me veio
ai ergueu-se do canto
sem ter o menor receio

Chegando estava Renato
tirando as roupas de mala
deu um suspiro e ali
abraçou-a mas sem fôlego
deu-lhe um ataque e caiu
que ele não pode pegá-la

Oh! alegria estupenda
que mar de lágrimas torrentes.
Renato deu um gemido
caiu também de repente
ficando pela emoção
privado completamente

Alvina pra outro canto
chorava desensofrida
tirou as roupas e vestiu
porque vivia despida
pegou outra e vestiu Rosa
quando tornou fei vestida

Quando ambos despertaram
Rosa mostrou-lhe o filhinho
que já tinha cinco anos
muito gordo e sabidinho
foi outro ataque de morte
ao ver seu pequenininho

Então sobre veio a noite
dormiram sobre a colina
no outro dia Renato
disse a esposa e a Alvina
vamos deixar estas serras
vê a sorte e que destino

Rosa então disse Renato
antes da minha partida
eu quero com todo gosto
fazer uma despedida
mostrando que sou escrava
de quem me poupou a vida

Adeus montanhas divinas
adeus lapa onde morei
adeus primeiro lugar
aonde meu pranto enxuguei
adeus aquela cascata
de onde salva saltei

Adeus primeira caverna
onde chorei desterrada
adeus aquela sombrinha
que repousei fatigada
adeus flores adeus campo
adeus minha serra amada

Adeus aqueles canários
que cantavam em harmonia
adeus saudoso trinado
dos passaros do melo dia
adeus aqueles grillinhos
que cantavam ond'eu dormia

Adeus leões adeus tigres
que me dispensaram a vida
adeus oh! meus últimos trapés
que me deixaram despida
adeus serpentes alpina
adeus que faço paródia

Adeus abelhas e mel
sombrihas qu'eu descansava
veredas de javalis
vertente qu'eu me b'nhava
adeus aquelas frutinhas
que tanto saboreava

Adeus insetos e aves
cenario, condor, perdiz
galvotas, garças e corujas
e todos os reptis
adeus que eu parto daqui
a minha patria feliz

Adeus oh! dia feliz
de meu bendito parto
adeus ervilhas silvestres
capim, glencinha esperto
adeus minhas tristes lagrimas
adeus que agora parto

Adeus colinas e vales
com todos os reinos seus
adeus veredas e montanhas
com todos os rastos meus
adeus meus alpas com tudo
adeus minha lapa adeus

Terminando a despedida
tomaram rumo afinal
mas pelo decreto eterno
que é sobre-natural
foram ter mão* em Milão
nde Alvina fez o mal

Para Alvina foi um dia
de eterno sofrimento
mas Renato disse: Alvina
não use de acanhamento
que seu crime ha de ser hoje
internado em julgamento

Alvina fortaleceu-se
para aquele ative ate
chegando contou direito
como fez e desaeate
e na morte de Rosa
era inocente de fato

O juiz olhou e disse:
não deve mais este crime
teu carcere foi a montanha
onde o culpado se rime
dez anos foram os teus votos
tua prisão foi sublime

Ah soltou o rapaz
com muita satisfação
porem Renato lhe disse
senhor juiz de Milão
em breve aqui voltarei
vingar-me duma traição

Batão seguiram viagem
numa alegria estrondosa
quando chegaram em Veneza
a festa foi potentosa
gente de toda paragem
vteram visitar Rosa

Mandou que o rei erguesse
sobre a cidade um altar
feito de folhas de ramos
pra nele se batizar
Antonio o filho de Rosa
como haveria de chamar.

Diz o rei: este altar
pra lembrar seu nascimento
pois entre as folhas nasceu
das relvas tirou sustento
portanto sirva de simbolo
ao filho do sacrificio

Veio o padre e batizou
a fidalga oriancinha
deu-lhe o nome de Antonio
que antes ele não tinha
o monarca affiançou-o
e a monarca foi madriinha

Tinha o rei uma filhinha
um anjinho belo e forte
chamou Antonio e lhe disse
bã de ter uma boa sorte
quando cresceres te dou
esta filha por consorte

Antes da festa findar-se
ordenou o soberano
Renato você agora
vá realizar seu plano
mate a velha traidora
que lhe fez tão grande dano

Renato com 10 soldados
embarcou para Milão
chegando fez com presteza
do rei a autorização
preparou quatro cavalos
para aquela execução

Pegaram então a malvada
amarraram pelos braços
em quatro braves cavalos
que já estavam de passo
ali de subito partiram
ela em 4 pedaços

Então o povo bradava
em um tom bastante farto
dizendo: bem empregado
isso em ti maldito parto
e os cavalos a trote
cada um levou um quarto

Executada a vingança
sem mais demora voltaram
contentes por terem feito
o que da côrte levaram
quando chegaram em Veneza
ainda a festa encontraram

Ao cabo de vinte dias
a festa se terminou
Renato com a esposa
na aventura alcançou
Antonio com 15 anos
com a filha do rei casou

Americo irmão de Rosa
foi um afamado urbano
Alvina ainda casou-se
com um banqueiro troiano
e ante, Rosa e Renato
deram ao grande soberano

Realizou-se o romance
de dolorosos tormentos
não ha quem possa esquecer
de Rosa os tristes lamentos
feitos de queles que Deus,
seus padecimentos

Fim-Juazeiro, 30-7-57

Não deixe de ler:

A Condessinha

Roubada

Preço 9 Cruzeiros

TIP. São Francisco

José Bernardo da Silva

Mantém um variado sortimento de romances, Folhêtos Novenas, Orações etc. Grande desconto para os revendedores. Também tem a venda o famoso Lunario Moderno, com todos os cálculos astrológicos para os Invernos do Norte Brasileiro.

Não atendemos Reembolso postal

Rua Sta. Luia, 263 — Juazeiro—Ceará

MARCELINO DE SOUZA BITENCOURTT

Rua Jeparatuba, 137

— Aracaju—Sergipe